

Avaliação do estudante universitário

RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio
Brasília: SENAC, 2009.

▮ Rosilene Beatriz Lopes*

Avaliação é um tema ainda bastante controverso e faz parte de um debate constante junto aos professores, justamente porque a literatura o aborda de modo bastante teórico enquanto, no cotidiano da sala de aula, os problemas enfrentados por professores e alunos ainda não foram superados. As palavras do compositor Beto Guedes: “*a lição sabemos de cor, só nos resta aprender*” se aplica ao tema, uma vez que pouco se tem avançado no processo de avaliação na educação superior. Velhos fantasmas ainda acompanham os professores, acorrentados por posturas autoritárias, medo de perder o controle da turma e dos alunos, falta de diálogo e de planejamento. O professor universitário, como qualquer outro professor dos demais níveis de ensino, mas, sobretudo, porque atua em diferentes áreas e em diferentes cursos de graduação, é o que mais tem enfrentado questões relacionadas ao como avaliar seus alunos graduandos e pós-graduandos. Esses desafios fazem parte do seu cotidiano, pois é ele que recebe o aluno mais maduro e questionador; assim, é o que mais enfrenta as discordâncias dos alunos em relação ao que foi avaliado e aos resultados alcançados, como afirma o autor: “Aferir a aprendizagem do estudante universitário constitui um aspecto crítico da atividade acadêmica na universidade.” (p. 7).

Buscando preencher lacunas na literatura e auxiliar o professor universitário, o trabalho apresentado nesse livro é pautado em um contexto prático: o resultado das vivências do professor José Florêncio Rodrigues Junior como professor de Didática e Avaliação da Aprendizagem na graduação e de Metodologia da Educação Superior e Avaliação Educacional em mestrados na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade Católica de Brasília (UCB) e, ainda, das experiências conduzidas, observadas e registradas durante os anos de 1987 a 1989, quando coordenou o Núcleo de Desenvolvimento Docente (NDD) da UnB. É um manual que apresenta 'os pés no

* Analista Educacional da Superintendência Regional de Montes Claros. Professora do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE, Montes Claros - MG. Doutoranda em Educação na Universidade Católica de Brasília. E-mail: rbeatrizlopes@yahoo.com.br.

chão' da sala de aula da universidade, pois revela um trabalho de pesquisa e depoimentos de acadêmicos e professores sobre a prática de avaliar. Além disso, considera a vivência do processo de avaliação dos professores universitários, os problemas enfrentados e suas sugestões sobre tópicos que julgavam relevantes para serem tratados sobre o tema em um livro.

Ao ler o livro, o professor, de qualquer área ou disciplina, recordará os desafios enfrentados no processo de avaliação no cotidiano das aulas nas turmas da universidade. Esse retrato é acompanhado de diretrizes e alternativas, um guia prático, com sugestões exequíveis para as diferentes áreas e disciplinas. O professor se verá nos momentos em que precisa decidir o que avaliar e quais os instrumentos de avaliação mais adequados aos objetivos propostos. É um manual para o professor ter sempre em mãos, principalmente quando estiver organizando o seu plano de curso, tomando decisões quanto aos tipos de avaliação pelos quais deverá optar e, no decorrer das aulas, elaborando as questões para o tipo de avaliação escolhida, incluindo as provas escritas.

Para apresentar a avaliação do estudante universitário, o autor e seus colaboradores organizaram o tema em duas seções: a primeira aborda os fundamentos da avaliação (capítulo 1 ao 6) e a segunda apresenta a prática da avaliação (capítulo 7 ao 19). Cada capítulo tem extensão parcimoniosa, uma média de 11 páginas escritas de forma clara, objetiva e sintética, sem perder (de vista) a profundidade da abordagem. Eles atendem ao professor que busca uma leitura rápida para orientar as suas ações. Os capítulos podem ser lidos em sequência ou não, de acordo com a necessidade do professor, mantendo uma estrutura comum: objetivos, fundamentação teórica e prática, exemplos e/ou sugestões do tipo de avaliação abordada e resumo. Isto permite ao professor uma visão geral do conteúdo de cada capítulo por meio dos objetivos e/ou do resumo, para, em seguida, decidir pela leitura do capítulo ou não, de acordo com o problema que precisa resolver naquele momento.

Quanto às propostas de avaliação e instrumentos apresentados no livro, algumas são novas; outras, uma nova visão de questões antigas sobre avaliação, porém, que ainda não foram superadas, apresentadas de forma prática e aplicável na sala de aula. Com este livro o professor terá: (i) um suporte indispensável para organizar o processo de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa e os instrumentos para menção ou nota; (ii) argumentos junto aos alunos e coordenadores de curso, em face de algumas

discordâncias que poderão advir deste processo, e (iii) maior embasamento teórico/prático para atingir seus objetivos e os objetivos que pretende sejam alcançados pelos seus alunos. Conseqüentemente, a aprendizagem dos acadêmicos poderá se elevar e eles estarão mais preparados para enfrentar os exames externos da educação superior, que se tornaram práticas comuns em nosso país nos últimos anos. Para apresentar os capítulos, estabeleci um diálogo com você, professor, traçando perguntas que também me angustiam enquanto professora universitária e apresentando, de forma sintetizada, o que o livro contém para respondê-las:

Qual o perfil da sua avaliação, professor? Há predomínio da memorização? Alguma(s) vez(es) houve reação negativa dos seus alunos em face do processo ou produto? Segue a concepção de Bloom ou de Stufflebeam?

O capítulo 1 responde a estas questões apresentando um perfil claro da prática da avaliação universitária e um diagnóstico dos problemas que interferem nessa prática, mostrando as características das avaliações eficientes. Pesquisas sobre a avaliação nas áreas das ciências exatas, físicas e biológicas, odontologia e medicina são destacadas. No capítulo 2, você verificará até que ponto seus instrumentos de avaliação refletem ou não suas expectativas para o curso e perceberá quais aspectos de sua prática avaliativa precisam ser modificados.

Professor, você já se sentiu solitário quando recebeu a ementa de determinada disciplina que iria ministrar, para definir objetivos, conteúdo, avaliação e referências bibliográficas, mesmo com muitos livros disponíveis e a internet conectada? Teve inúmeras dúvidas, ou mesmo angústias, em compatibilizar os objetivos com os instrumentos de avaliação adotados para sua disciplina?

Para superar essa situação, não basta ter em mãos livros que orientam o seu conteúdo; é indispensável ter em mãos um livro que possa orientar a organização dessa ementa, ajudando a mapear coerentemente objetivos, conteúdo, e avaliação. O capítulo 3 trata deste problema; apresenta a taxionomia do domínio cognitivo, afetivo e psicomotor, mostra a importância da avaliação centrada nos objetivos e, ainda, apresenta a taxionomia como um instrumento facilitador para a formulação dos objetivos, a orientação da instrução e a organização coerente com a avaliação.

A sua proposta de avaliação se constitui numa experiência efetivamente educativa para o acadêmico? Visa desenvolver a autonomia do mesmo em seu processo de avaliação?

Cinco capítulos refletem essa questão. O capítulo 4 apresenta, de maneira prática, os cinco critérios para que a avaliação se torne efetivamente educativa para o aluno, ressaltando que todo objetivo de ensino deve ser avaliado; porém, nem todo instrumento de avaliação precisa ter efeito para nota ou menção. O capítulo 9 apresenta o TFI – Teste de Formatação Individual, oferecendo condições para o entendimento e a organização desse instrumento, que visa a oferecer ao estudante a possibilidade de escolher as questões e formatar seu próprio teste. O capítulo 11 define o contrato de estudo, quando deverá ser utilizado, suas vantagens e desvantagens. Nos momentos em que os alunos necessitam de dispensa de comparecimento às aulas, o contrato traz segurança para estes e os professores, para que a aprendizagem seja garantida. O capítulo 14, além de apresentar a justificativa quanto à adoção ou não da auto-avaliação, também oferece o esboço de um instrumento de auto-avaliação dos alunos em sua disciplina. O capítulo 16 identifica as condições para que o portfólio possa ser empregado na educação superior, apresentando seus princípios fundamentais, dentre eles o princípio da auto-avaliação.

A avaliação que você propõe e aplica equivale quase exclusivamente à atribuição de nota ou menção, ou abrange outras finalidades? São utilizados os referenciais de norma e/ou critério?

O capítulo 5 aborda os dados de pesquisa sobre o emprego da avaliação formativa em contextos universitários brasileiros e oferece condições para que o professor possa esboçar um plano de avaliação para sua disciplina, que inclua a avaliação com finalidades diagnóstica, formativa e somativa. O capítulo 6 apresenta como os referenciais de avaliação afetam a instrução que o professor ministra e o rendimento final da turma, como esses referenciais se traduzem na prática universitária, como os professores procedem quando avaliam com referência a esses critérios. Em pesquisa realizada pelo autor é citado o exemplo de dois professores da área de ciências exatas, estatística e engenharia civil, comparando a prática e os referenciais de avaliação.

O exame oral, um dos componentes mais importantes dos processos avaliativos e que deu origem às formas avaliativas aplicadas atualmente, bem como à prova com consulta, são instrumentos bastante controversos. Esses dois tipos de provas, que são permeados de preconceitos, ainda devem ser usados? Quais os riscos?

O capítulo 7 apresenta os prós e os contras do exame oral, distingue-o da entrevista e conduz o professor, com base na informação do texto, a esboçar esse tipo de exame para a sua disciplina e a refletir sobre o mesmo e os valores de justiça e não discriminação. Já o capítulo 12 desmistifica o preconceito da prova com consulta e apresenta-a como um instrumento de avaliação útil e válido, desde que atenda aos objetivos que o avaliador pretende alcançar. Por meio desta prova o professor pode desenvolver estratégias não apenas para que os alunos aprendam, mas aprendam a aprender.

Os exames externos, como o Enade – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, utilizam questões objetivas. Confrontando essas questões com as aplicadas nas avaliações internas, verificam-se grandes diferenças. Alguns alunos, durante a academia, sequer resolveram alguma(s) da(s) modalidade(s) de questões objetivas apresentadas. Por que isso acontece? Como preparar os acadêmicos para entenderem o objetivo da questão e conseguirem executá-la com sucesso? Embora a prova objetiva seja uma das mais frequentemente utilizadas em classes da educação superior, algumas das suas modalidades são pouco utilizadas pelo professor. Isso está ocorrendo pelo desconhecimento das seis modalidades de questões objetivas ou pela dificuldade na elaboração de determinada modalidade para um conteúdo ou disciplina específica?

O capítulo 8, além de definir a prova objetiva, identificar suas vantagens e desvantagens e apresentar aspectos a serem considerados, examina as seis modalidades: lacunas (complementação), certo ou errado (sim ou não; falso ou verdadeiro), múltipla escolha, associação (correspondência; combinação), ordenação (seriação), respostas curtas, traz suas características seguidas de exemplos. Também apresenta um quadro com os pontos positivos e negativos de cada modalidade, conduzindo o professor, de maneira prática e rápida, a fazer sua opção ao organizar as questões da sua prova objetiva.

Ao apresentar os questionamentos como recurso avaliativo ou durante a instrução, como, por exemplo, numa aula expositiva, você, professor, os organiza, tomando como referência diferentes categorias?

A metodologia de avaliação por meio do questionamento, amplamente utilizada na academia, é abordada pelo capítulo 10, com exemplos que elucidam

cada categoria: (i) memória, (ii) translação, (iii) interpretação, (iv) aplicação, (v) análise, síntese, e (vi) avaliação. Assim, proporciona ao professor elaborar questionamentos para atingir os seus propósitos; e, ainda, argumentar junto aos alunos sobre o tipo de questionamento utilizado e por que o utilizou.

O uso de mapas conceituais, uma prática empregada desde a década de 1960, tem sido amplamente disseminado e testado. Professor, você tem empregado este tipo de recurso para a instrução e a avaliação?

A leitura do capítulo 13 possibilitará a aprendizagem da construção de mapas conceituais pelo professor, bem como estimular e orientar os alunos a construírem e utilizarem esses mapas como produtos de aprendizagem passíveis de serem avaliados.

As avaliações em larga escala, como o SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica, utiliza-se de banco de itens. Como o banco de itens poderá auxiliar o professor na produção de resultados positivos?

O capítulo 17 oferece condições ao professor de organizar uma matriz de referência, planejar itens avaliativos e elaborar um banco de itens. Suas vantagens, tais como: agilidade na elaboração de provas, possibilidade de dispor de variadas questões testadas e confiáveis e utilização de sistema de pontuação mais justo são relevantes para o trabalho do professor, principalmente para os que atuam em várias turmas e/ou instituições.

Uma última questão a ser refletida: a instrução e a conduta do professor podem conduzir a uma desistência expressiva de alunos de determinado curso?

O penúltimo capítulo auxilia o professor a construir uma lista de verificação ou lista de observação - *check-list*, um instrumento útil para a avaliação do plano e prática de aula. O último capítulo trata da avaliação da aprendizagem no domínio afetivo. Esse tipo de avaliação é conceituado e nomeado, além disso, são propostos procedimentos e instrumentos pertinentes. Esses capítulos conduzem a uma auto-reflexão sobre a qualidade do planejamento e a conduta em sala de aula universitária.

Como se pode verificar neste breve relato dos capítulos, o conteúdo do livro é orientado mais pela prática de avaliar do que por aspectos teóricos e técnicos. O professor Florêncio, em sala de aula, corporificava suas palavras pelo exemplo e esse livro traduz bem a sua identidade de educador. A reflexão proporcionada por seu conteúdo e abordagem conduz a romper com velhos fantasmas que ainda

permeiam o processo de avaliação. Sua leitura se torna obrigatória, para mudar paradigmas, rever conceitos e tomar decisões sobre a avaliação, pois vão ao encontro das reais necessidades do professor universitário nas mais diversas áreas.

Recebido em: 21/01/2010

Aceito para publicação em: 02/03/2010